CONCEITO DA APRENDIZAGEM

O conceito de aprendizagem é bastante complexo e, por vezes, controverso, bifurcando-se e se confundindo com outros conceitos igualmente complexos, tais como o de desenvolvimento.

Cada corrente teórica – que se filia a um determinado período histórico e cultural – tem uma explicação para o que ensinar e o que aprender. Com isso, deixamos registrado aqui o nosso (*re*) conhecimento sobre o caráter político e ideológico desse conceito. Apesar das dificuldades que envolvem o tema, somos movidos pelo desafio, uma vez que da compreensão acerca do processo de aprendizagem (e da outra face da moeda, o ensino) depende, em grande parte, os acontecimentos que são realizados no ambiente no qual os indivíduos, sujeitos aprendizes, interagem.

Nesse processo, estão em interação muito mais que métodos/técnicas, objetos de ensino e concepções que embasam de forma explícita ou não o processo de ensino- aprendizagem, mas, principalmente, os comportamentos e emoções do sujeito *aprendente*.

Quando nos propomos a falar sobre tal conceito, uma tendência natural é retratar somente as grandes correntes teóricas (Construtivismo, Socioconstrutivismo etc.), dando a falsa ideia de que a aprendizagem é algo que começou a ser investigado somente na modernidade. Essa investigação, no entanto, começou, no mínimo, há dois mil anos, na antiguidade Grega, berço do nascimento do pensamento racional. Para os filósofos gregos, segundo Santomauro (2010), interessava descobrir se as pessoas possuíam saberes inatos ou se era possível ensinar alguma coisa a alguém. Surge nesse momento, tendo Platão (427-347 a.C.) como precursor, a concepção de inatismo que seria a base do pensamento construtivista. Platão (427-347 a.C.) firmou posição a favor das ideias congênicas. Defendendo a tese de que a alma precede o corpo e que, antes de encarnar, tem acesso ao conhecimento, o discípulo de Sócrates (469-399 a.C.) afirmou que conhecer é relembrar, pois a pessoa já domina determinados conceitos desde que nasce. Chamada de inatismo, essa perspectiva sustenta que as pessoas naturalmente carregam certas aptidões, habilidades, conceitos, conhecimentos e qualidades em sua bagagem hereditária. **Tal concepção motivou um tipo de ensino que acredita que o educador deve interferir o mínimo possível, apenas trazendo o saber à consciência e organizando-o** [grifo nosso]. (SANTOMAURO, 2010) Por mais que atualmente, já não se encontre aqueles que advogam fervorosamente a favor da tese de aprendizagem como uma espécie de “memorização” de um conhecimento inato, ainda existem muitos professores que acreditam ser a aprendizagem algo estritamente individual e que depende de uma predisposição, principalmente biológica, do sujeito para aprender. Assim, fica fácil justificar que crianças pobres e com problemas socioeconômicos de toda ordem não conseguem aprender. De certa forma, reagindo a certo *determinismo* da corrente inatista, Aristóteles (384 – 322 a.C.) apresentou uma perspectiva contrária à de Platão [...]. Segundo ele, embora as pessoas nasçam com capacidade de aprender, elas precisam de experiências ao longo da vida para que se desenvolvam. A fonte do conhecimento são as informações captadas do meio exterior pelos sentidos. Ideias como essa impulsionaram o empirismo, corrente favorável a um **ensino pela imitação - na escola, as atividades propostas são as que facilitam a memorização, como a repetição e a cópia** [grifo nosso]. (SANTOMAURO, 2010) A principal crítica feita ao empirismo está no fato de colocar o saber como algo totalmente externo ao sujeito e um produto de propriedade exclusiva do professor, dando ao sujeito aprendente o *status* de tábula rasa. Do ponto de vista dos empiristas, caberia à escola formar um sujeito capaz de conhecer, julgar e agir segundo os critérios da razão, substituindo as respostas “erradas” absorvidas no contato com diversos meios (a religião, por exemplo) pelas “certas”, já validadas pelos acadêmicos por seguirem os critérios científicos da época (SANTOMAURO, 2010). Somente no século XX, com o surgimento do Construtivismo, essa tensão entre inatistas (o saber está no sujeito) e empiristas (o saber está na realidade exterior) é atenuada. As ideias construtivistas, cujo precursor foi Jean Piaget (1896 - 1980), ficam entre as duas concepções: se, por um lado, o sujeito tem sim potencialidades e características próprias que possibilitam a sua aprendizagem; por outro, se o meio não favorecer, a aprendizagem não acontece.

Estabelece que a capacidade de aprender é desenvolvida e construída nas ações do sujeito por meio do contato ativo com o conhecimento, que é facilitado pelo professor. [...] citando características do pensamento científico clássico (enunciação, classificação e abstração), Piaget afirma que o aprendizado necessita também da ação de quem aprende (formulando hipóteses para entender o objeto de conhecimento, por exemplo). (SANTOMAURO, 2010) Um dos maiores equívocos quando se fala em construtivismo é associá-lo a um método ou técnica de ensino. Evidentemente, os estudos construtivistas tiveram impacto no que se pensava sobre ensinar e aprender, mas também causou muitos mal-entendidos, pois ainda há aqueles que acreditam que o professor construtivista não apresenta conteúdos nem orienta os alunos. Na verdade, por defender que o conhecimento construído, segundo a concepção construtivista, cabe ao professor criar contextos, realizar ações que desafiem e motivem os alunos para que se dê a aprendizagem. Apesar de não haver registro histórico que comprove o contato entre Piaget, Vygostky (1896-1934) e Wallon (1879-1962), os dois últimos representantes do sociointeracionismo, há pontos em comum no pensamento deles a respeito da aprendizagem. Guardadas as devidas diferenças, todos consideram a importância da interação na construção dos conhecimentos. O construtivismo dá mais ênfase na interação entre o intra-sujeito (processos cognitivos) e do sujeito com o meio; o sociointeracionismo na interação *inter*-sujeito com destaque para a interação verbal. Uma das contribuições mais importantes de Vygotsky é a criação de conceitos sobre os níveis de desenvolvimento infantil. Segundo ele, seriam dois: **O primeiro** é chamado de real e engloba as funções mentais que já estão completamente desenvolvidas (resultado de habilidades e conhecimentos adquiridos pela criança). Geralmente, esse nível é estimado pelo que uma criança realiza sozinha. Essa avaliação, entretanto, não leva em conta o que ela conseguiria fazer ou alcançar com a ajuda de um colega ou do próprio professor justamente - na distância entre o que já se sabe e o que se pode saber com alguma assistência - que reside o **segundo nível** de desenvolvimento apregoado por Vygotsky e batizado por ele de proximal.

Nas palavras do próprio psicólogo, "a zona proximal de hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã.". Ou seja: aquilo que nesse momento uma criança consegue fazer com a ajuda de alguém, um pouco mais adiante ela certamente conseguirá fazer sozinha [...]. Depois que Vygotsky elaborou o conceito, há mais de 80 anos, a integração de crianças em diferentes níveis de desenvolvimento passou a ser encarada como um fator determinante no processo de aprendizado. [grifo nosso] (PAGANOTTI, 2011) Como exemplo de uma tendência ainda mais recente, podemos citar a "Psicologia do desenvolvimento", ou *Ciência do Desenvolvimento*, que surge como tal no final do século XX. Segundo essa corrente teórica, quando se pensa em aprendizagem se pensa em desenvolvimento. E desenvolvimento é o processo por meio do qual a pessoa se desenvolve (*sic*) adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam e reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma ou conteúdo. (BRONFENBRENNER, 1979/1996, p. 23). Trata-se de uma concepção bastante contemporânea e, como se pode perceber, interacionista em sentido amplo, pois contempla não só as interações que propiciam o desenvolvimento do ponto de vista biológico, mas também as interações com o meio de forma geral. O processo de desenvolvimento, segundo essa teoria envolve o indivíduo e o seu ambiente físico, social, psicológico e histórico, considerando-se, sobretudo, a trajetória de cada sujeito.